



A Santa Sé

VIAGEM APOSTÓLICA DO PAPA FRANCISCO
AO EQUADOR, BOLÍVIA E PARAGUAI
(5-13 DE JULHO DE 2015)

ENCONTRO COM A SOCIEDADE CIVIL

DISCURSO DO SANTO PADRE

Igreja São Francisco, Quito (Equador)
Terça-feira, 7 de Julho de 2015

[Multimídia]

Queridos amigos!

Boa tarde. Peço que me perdoeis por colocar-me de costas, mas necessito da luz sobre o papel; não vejo bem... Rejubilo por estar convosco, homens e mulheres que representais e dinamizais a vida social, política e económica do país.

Mesmo antes de entrar na igreja, o Senhor Prefeito entregou-me as chaves da cidade. Deste modo, posso dizer que aqui, em San Francisco de Quito, sou de casa. Esse símbolo que é a vossa prova de confiança e carinho, ao abrir-me as portas, permite-me apresentar-vos algumas chaves da convivência cívica a começar deste ser de casa, ou seja, a começar pela experiência da vida familiar

A nossa sociedade ganha, quando cada pessoa, cada grupo social se sente verdadeiramente de casa. Numa família, os pais, os avós, os filhos são de casa; ninguém fica excluído. Se alguém tem uma dificuldade, mesmo grave, ainda que seja por culpa dele, os outros correm em sua ajuda, apoiam-no; a sua dor é de todos. Vem-me à mente a imagem destas mães e esposas. Vi-as em Buenos Aires fazendo filas nos dias de visita para entrar no presídio, para ver o seu filho ou o seu marido que não se comportou bem - para utilizar uma linguagem simples. Elas não os deixam porque continuam a ser de casa. Muito nos ensinam essas mulheres! Na sociedade, não

deveria acontecer a mesma coisa? E, no entanto, as nossas relações sociais ou o jogo político, no sentido mais amplo da palavra – não esqueçamos que a política, como dizia o Beato Paulo VI, é uma das formas más altas da caridade –, esse nosso modo de actuar baseia-se muitas vezes na luta que produz o descarte. A minha posição, a minha ideia, o meu projecto consolidam-se, se for capaz de vencer o outro, de me impor, de descartá-lo. Assim vamos construindo uma cultura do descarte que hoje em dia está tomando dimensões mundiais na sua amplidão. Isto é ser família? Nas famílias, todos contribuem para o projecto comum, todos trabalham para o bem comum, mas sem anular o indivíduo; pelo contrário, sustentam-no, promovem-no. Podem brigar entre si, mas há algo que não se move: este laço familiar. As brigas de família tornam-se reconciliações mais tarde. As alegrias e as penas de cada um são assumidas por todos. Isto sim é ser família! Oh se pudéssemos conseguir ver o adversário político ou vizinho de casa com os mesmos olhos com que vemos os filhos, esposas, maridos, pais ou mães, como seria bom! Amamos a nossa sociedade, ou continua a ser algo distante, algo anónimo, que não nos corresponde, não nos insere, não nos compromete? Amamos o nosso país, a comunidade que estamos tentando construir? Amamo-la só nos conceitos proclamados, no mundo das ideias? Santo Inácio – permiti-me fazer publicidade – Santo Inácio nos dizia nos Exercícios que o amor se mostra mais em obras do que em palavras. Amemos a sociedade mais com as obras do que com as palavras! Em cada pessoa, em sua situação concreta, na vida que compartilhamos. Santo Inácio também nos dizia que o amor sempre se comunica, tende sempre à comunicação; nunca ao isolamento. Estes são dois critérios que podem nos ajudar a olhar a sociedade com outros olhos. Não só olhá-la, mas a senti-la, pensá-la, tocá-la, amalgamá-la.

A partir deste afecto, surgirão gestos simples que fortalecem os vínculos pessoais. Já em várias ocasiões, me referi à importância da família como célula da sociedade. No âmbito familiar, as pessoas recebem os valores fundamentais do amor, da fraternidade e do respeito mútuo, que se traduzem em valores sociais fundamentais: *a gratuidade, a solidariedade e a subsidiariedade*. Então, partindo deste ser de casa, olhando para a família, pensemos na sociedade através destes valores sociais que “mamamos” em casa, na família: a gratuidade, a solidariedade e a subsidiariedade.

A gratuidade: para os pais, todos os filhos, embora cada um tenha a sua índole própria, são igualmente adoráveis. Mas, quando a criança se nega a partilhar o que recebe gratuitamente deles, dos pais, quebra esta relação ou entra em crise, fenómeno mais frequente. As primeiras reacções, que às vezes costumam ser anteriores à autoconsciência da mãe, começam quando a mãe está grávida: a criança começa a ter atitudes estranhas, começa a querer quebrar, porque a sua psique ascende o semáforo vermelho: cuidado com a concorrência, cuidado pois já não és o único. Curioso. O amor dos pais ajuda-o a sair do seu egoísmo, para que aprenda a viver com aquele que vem depois e com os demais, para que aprenda a ceder para se abrir ao outro. Eu gosto de perguntar aos meninos: “Se tens dois caramelos e chega um amigo, que fazes?” Geralmente me dizem: “Dou-lhe um”. Geralmente. “E se tens um caramelo e chega o teu amigo, que fazes?” Então duvidam. E as respostas vão desde “dou-lhe”, “partilhamos-lho”, até “guardo o

caramelo no meu bolso”. Este menino que aprende a abrir-se ao outro. No âmbito social, isto supõe assumir que *a gratuidade não é complementar, mas requisito necessário para justiça*. A gratuidade é requisito necessário para a justiça. O que somos e temos foi-nos confiado para o colocarmos ao serviço dos outros – de graça recebemos, de graça o damos. A nossa tarefa é fazer com que frutifique em boas obras. Os bens estão destinados a todos e, embora uma pessoa ostente o seu título de propriedade, o que é lícito, sobre eles pesa uma hipoteca social. Sempre. Assim o conceito económico de justiça, baseado no princípio de compra-venda, é superado pelo conceito de justiça social, que defende o direito fundamental da pessoa a uma vida digna. E, continuando com a justiça, a exploração dos recursos naturais, tão abundantes no Equador, não deve apostar no benefício imediato. Ser administradores desta riqueza que recebemos compromete-nos com a sociedade no seu conjunto e com as gerações futuras, às quais não poderemos legar este património sem o devido cuidado do meio ambiente, sem uma consciência de gratuidade que brota da contemplação do mundo criado. Estão aqui connosco irmãos dos povos indígenas da Amazônia Equatoriana. Esta área é das *«mais ricas em variedade de espécies, em espécies endémicas, raras ou com menor grau de efectiva protecção. (...) Requerem um cuidado particular pela sua enorme importância para o ecossistema mundial, [pois têm] uma biodiversidade de enorme complexidade, quase impossível de conhecer completamente. Mas quando é queimada, quando é derrubada para desenvolver cultivos, em poucos anos perdem-se inúmeras espécies, ou tais áreas transformam-se em áridos desertos»* (cf. *Laudato si'*, 37-38). E lá o Equador – juntamente com os outros países detentores de franjas amazónicas – tem uma oportunidade para exercer a pedagogia duma ecologia integral. Recebemos o mundo como herança dos nossos pais, mas também - lembremos que o recebemos como um empréstimo dos nossos filhos e das gerações futuras, a quem o temos de devolver. E melhorado. Isso é gratuidade!

Da fraternidade vivida na família, nasce este segundo valor, a *solidariedade* na sociedade, que não consiste apenas em dar ao necessitado, mas em sermos responsáveis uns pelos outros. Se virmos no outro um irmão, ninguém pode ficar excluído, ninguém pode ficar marginalizado.

O Equador, como muitos povos latino-americanos, passa hoje por profundas mudanças sociais e culturais, novos desafios que requerem a participação de todos os actores sociais. A emigração, a concentração urbana, o consumismo, a crise da família, a falta de trabalho, as bolsas de pobreza produzem incerteza e tensões que constituem uma ameaça para a convivência social. As normas e as leis, bem como os projectos da comunidade civil, devem procurar a inclusão, abrir espaços de diálogo, espaços de encontro e, assim, deixar como uma triste recordação qualquer tipo de repressão, de controle excessivo e a perda de liberdade. A esperança dum futuro melhor passa por oferecer oportunidades reais aos cidadãos, especialmente aos jovens, criando emprego, com um crescimento económico que chegue a todos e não se fique pelas estatísticas macroeconómicas; criar um desenvolvimento sustentável que gere um tecido social firme e bem coeso. Se não há solidariedade, isso é impossível. Referi-me aos jovens e me referi à falta de trabalho. Isso é mundialmente alarmante. Países europeus, que estavam na primeira linha há

décadas, agora estão sofrendo com a população juvenil – de vinte cinco anos para baixo – onde há entre quarenta e cinquenta por cento de desemprego. Se não há solidariedade, isso não se soluciona. Eu dizia aos salesianos: “Vós a quem Dom Bosco criou para educar: hoje é preciso uma educação de emergência para estes jovens que não têm trabalho!” Por que? Emergência para prepará-los para pequenos trabalhos que lhes outorguem a dignidade de poder levar o pão para a casa. Quais horizontes sobram para estes jovens desempregados que são os que chamamos os “nem nem” – nem estudam, nem trabalham. Os vícios, a tristeza, a depressão, o suicídio – não se publicam integralmente as estatísticas do suicídio juvenil – o inscrever-se em projectos de loucura social, que ao menos lhes apresentam um ideal? Hoje nos é pedido cuidar, de modo especial, com solidariedade, deste terceiro sector de exclusão da cultura do descarte. O primeiro sector são as crianças, porque ou não se ama-as – há países desenvolvidos que têm uma taxa de natalidade de quase zero por cento -, ou não se ama-as ou se as assassina antes que nasçam. Depois, o segundo sector são os idosos, a quem se abandona, se vai deixando e se esquece que eles são a sabedoria e a memória do seu povo. São descartados. Agora é a vez dos jovens. Com quem fica o lugar? Com os servidores do egoísmo, do deus dinheiro que está no centro de um sistema que nos esmaga a todos.

Por fim, o respeito pelo outro que se aprende na família traduz-se, na esfera social, em *subsidiariedade*. Ou seja, gratuidade, solidariedade, subsidiariedade. Assumir que a nossa opção não é necessariamente a única legítima é um sadio exercício de humildade. Ao reconhecer a parte boa que há nos outros, mesmo com as suas limitações, vemos a riqueza que encerra a diversidade e o valor da complementaridade. Os homens, os grupos têm direito de percorrer o seu caminho, ainda que isso às vezes suponha cometer erros. No respeito da liberdade, a sociedade civil é chamada a promover cada pessoa e agente social, para que possa assumir o seu papel e contribuir, a partir da sua especificidade, para o bem comum. O diálogo é necessário, é fundamental para chegar à verdade, que não pode ser imposta, mas procurada com sinceridade e espírito crítico. Numa democracia participativa, cada uma das forças sociais, os grupos indígenas, os afro-equatorianos, as mulheres, os grupos de cidadãos e quantos trabalham para a comunidade nos serviços públicos são protagonistas, são protagonistas imprescindíveis neste diálogo, não são expectadores. No-lo dizem com a maior eloquência as paredes, pátios e claustros deste lugar: baseada sobre elementos da cultura Inca e Caranqui, a beleza das suas proporções e formas, o arrojo dos seus diferentes estilos combinados de modo notável, as obras de arte designadas pelo nome de «escola quitenha», condensam um longo diálogo, com sucessos e fracassos, da história equatoriana. O hoje está cheio de beleza e, se é verdade que no passado houve erros e abusos – como negá-lo? – inclusive nas nossas histórias pessoais – como negá-lo? -, podemos afirmar que a amálgama irradia tanta exuberância que nos permite olhar o futuro com muita esperança.

Também a Igreja quer colaborar na busca do bem comum, com as suas actividades sociais e educativas, promovendo os valores éticos e espirituais, sendo um sinal profético que leve um raio de luz e esperança a todos, especialmente aos mais necessitados. Muitos me perguntarão:

“Padre, por que falas tanto dos necessitados, das pessoas necessitadas, das pessoas excluídas, das pessoas que estão à margem do caminho?” Simplesmente porque esta realidade e a resposta a esta realidade estão no coração do Evangelho. E precisamente porque a atitude que tomemos diante desta realidade está inscrita no protocolo mediante o qual seremos julgados, segundo o capítulo 25 de Mateus.

Muito obrigado por estarem aqui, por me ouvirem. Peço-vos, por favor, que levem as minhas palavras de encorajamento aos grupos que representais nas diversas esferas sociais. O Senhor conceda, à sociedade civil que representais, ser esse campo propício onde se viva em casa, onde se vivam estes valores da gratuidade, da solidariedade e da subsidiariedade. Muito obrigado.